



# Relatório de Acompanhamento Setorial

## COMPLEXO DA SAÚDE INDÚSTRIA FARMACÊUTICA

VOLUME III

Junho 2009





## **RELATÓRIO DE ACOMPANHAMENTO SETORIAL**

### **COMPLEXO DA SAÚDE – INDÚSTRIA FARMACÊUTICA**

#### **Volume III**

#### **Equipe:**

Adriana Marques da Cunha

Pesquisadores e bolsistas do NEIT/IE/UNICAMP

Rogério Dias de Araújo (ABDI)

Carlos Henrique Mello (ABDI)

Claudionel Leite (ABDI)

**Junho de 2009**

Esta publicação é um trabalho em parceria desenvolvido pela Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial – ABDI e o Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

## SUMÁRIO

1. Introdução .....	1
2. Principais Características da Indústria Farmacêutica Mundial .....	1
3. Indústria Farmacêutica Brasileira: concentração, desempenho recente e análise da conjuntura .....	4
3.1 Concentração .....	4
3.2. Produção .....	5
3.3. Emprego.....	9
3.4. Comércio exterior .....	10
4. Considerações finais .....	12
ANEXO	
Box 1. Indústria Farmacêutica Mundial: descrição das principais aquisições, fusões e acordos de cooperação (2009) .....	15
Referências bibliográficas .....	18

## **1. Introdução**

O primeiro relatório de acompanhamento setorial analisou uma das principais atividades produtivas do Complexo Industrial da Saúde (CIS), a indústria farmacêutica, incluindo os segmentos de fármacos (matérias-primas farmacêuticas) e de medicamentos (Cunha, 2008). Por sua vez, o segundo relatório setorial privilegiou outra atividade produtiva relevante do complexo da saúde, a indústria de equipamentos médicos, hospitalares e odontológicos (EMHO) (Cunha, 2009). Os relatórios destacaram as principais características e tendências mundiais das respectivas indústrias e analisaram o desempenho recente, as perspectivas e os desafios competitivos enfrentados pelas indústrias farmacêutica e de equipamentos médicos brasileiras.

Os principais desafios competitivos da indústria farmacêutica brasileira foram objeto de estudo do primeiro relatório setorial: “(1) o fortalecimento de sua capacidade de inovação, de pesquisa e de desenvolvimento tecnológico; (2) o adensamento de sua cadeia produtiva com o desenvolvimento da produção de fármacos, permitindo incorporar atividades de maior intensidade tecnológica; (3) o incremento do porte das empresas nacionais e o aperfeiçoamento de seu processo de produção, associado à sua modernização e racionalização, objetivando o aumento da escala de produção e da produtividade e a redução de custos, principalmente nas pequenas e médias empresas; e (4) o fortalecimento da inserção internacional através da intensificação e da diversificação das vendas externas, associado à redução da pressão das importações” (Cunha, 2008: 27).

Este terceiro relatório setorial se inicia com uma revisão das principais características da indústria farmacêutica mundial e ressalta as transações recentes realizadas entre os grandes laboratórios e seu efeito de intensificação da concentração na indústria farmacêutica mundial. Em seguida, o relatório dedica-se à análise do desempenho recente da indústria farmacêutica brasileira, procurando destacar, mais especificamente, reflexos da crise mundial sobre a produção física, a criação de emprego e o comportamento do comércio externo brasileiro de produtos farmacêuticos no início do ano corrente.

## **2. Principais características da indústria farmacêutica mundial**

Uma das principais características da indústria farmacêutica mundial destacada no primeiro relatório de acompanhamento setorial foi a importância das atividades de ciência e tecnologia e de pesquisa e desenvolvimento de novos produtos, principalmente nos estágios iniciais da cadeia produtiva farmacêutica, como na produção de fármacos (Cunha, 2008). Ressaltou-se uma das tendências tecnológicas recentes: o desenvolvimento de um novo paradigma ligado à biotecnologia. Afirmou-se que os investimentos em biotecnologia têm sido liderados pelas grandes empresas farmacêuticas, gerando, contudo, oportunidades para a atuação de novas instituições de menor porte, de capital nacional, localizadas em países menos desenvolvidos. O relatório destacou que a densidade científica e tecnológica da indústria farmacêutica leva suas empresas a realizar crescentes gastos com pesquisa e desenvolvimento, considerando a elevação de custos e do tempo médio de desenvolvimento de novos produtos farmacêuticos. Lembrou-se, ademais, a importância da participação governamental no avanço tecnológico da indústria farmacêutica, “especialmente na forma de financiamento às atividades de pesquisa na

área da saúde, de injeção de recursos estatais nas empresas de base tecnológica (NBF) e de indução de parcerias entre universidades e empresas” (Cunha, 2008: 2).

Outra característica da indústria farmacêutica também foi apontada: a concentração de sua estrutura de oferta. Esclareceu-se que a indústria farmacêutica pode ser caracterizada como “um oligopólio mundial diferenciado, controlado por um conjunto reduzido de grandes empresas com atuação global, que geralmente exercem sua liderança em segmentos de mercado específicos” (definidos por classes terapêuticas, ou seja, por nichos de atuação dos medicamentos) a partir da diferenciação de produtos (Cunha, 2008: 2). As principais fontes de diferenciação de produtos farmacêuticos estão particularmente atreladas aos investimentos em P&D, especialmente no segmento de fármacos, e às atividades de marketing e de comercialização, primordialmente no segmento de medicamentos. Estas são as barreiras à entrada no setor farmacêutico que devem ser destacadas.

O primeiro relatório ressaltou a intensificação do processo de fusões e de aquisições na indústria farmacêutica, envolvendo empresas de diferentes países, especialmente motivada pela necessidade de enfrentar os elevados gastos com pesquisa e desenvolvimento de novos produtos. Vale lembrar que esta situação se agrava com a perspectiva de acirramento da concorrência devido à expiração de patentes dos principais medicamentos produzidos e comercializados no mundo, responsáveis por grande parte das receitas dos maiores laboratórios mundiais. Além disso, a eclosão da crise financeira mundial significou a retração da disponibilidade de recursos para a realização de investimentos, assim como a contração da demanda pelos mais diversos tipos de produtos. Tudo isto tem motivado uma crescente concentração industrial.

No primeiro relatório, destacou-se que as principais empresas têm liderado o movimento de fusões e de aquisições, assim como a realização de acordos de cooperação, aumentando a concentração existente na indústria farmacêutica mundial. Neste relatório, confirma-se a grande movimentação das maiores empresas farmacêuticas mundiais no sentido da concentração industrial, com destaque para a participação das norte-americanas, com base em informações coletadas para o primeiro quadrimestre de 2009 (Quadro 1). As transações recentes realizadas entre as grandes empresas estão sendo consideradas sinais da intensificação da concentração na indústria farmacêutica mundial, motivada pela perspectiva de expiração de patentes e de declínio do faturamento de produtos patenteados e pelas dificuldades de desenvolvimento de novos medicamentos e de diversificação da linha de produtos, em termos de custo e risco. Algumas informações selecionadas sobre as transações recentes se encontram no Box 1 do Anexo.

**Quadro 1 – Indústria Farmacêutica Mundial:  
principais aquisições, fusões e parcerias (2009)**

<b>Empresas (países de origem)</b>	<b>Mês do anúncio</b>	<b>Valor da transação</b>	<b>Tipo de transação</b>
Pfizer (EUA) e Wyeth (EUA)	Janeiro	US\$ 68,0 bilhões	Aquisição
Merck (EUA) e Schering-Plough (EUA)	Março	US\$ 41,1 bilhões	Fusão
Roche (Suíça) e Genentech (EUA)	Março	US\$ 46,8 bilhões	Aquisição
Glaxo Smith Kline - GSK (Inglaterra) e Pfizer (EUA)	Abril	Valor estimado da nova empresa (US\$ 7,5 bilhões)	Joint-venture (união das divisões de drogas anti-HIV)
Sanofi-Aventis (França) e Medley (Brasil)	Abril	US\$ 1,5 bilhão	Aquisição

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados de periódicos e revistas especializadas.

As principais empresas mundiais também têm liderado a internacionalização da produção e da comercialização de produtos farmacêuticos, distribuindo os diferentes estágios da cadeia produtiva e tecnológica entre diversos países. Elas têm certamente aproveitado oportunidades em mercados emergentes com maior potencial de crescimento, como os BRICs. No primeiro relatório, destacou-se que as atividades de maior densidade tecnológica, com maior capacidade de agregação de valor e de utilização de pessoal qualificado, como a produção de fármacos, tendem a se concentrar nas matrizes das principais transnacionais localizadas em países desenvolvidos, enquanto as atividades de produção e de comercialização de medicamentos têm se disseminado por vários países, inclusive os menos desenvolvidos. Esclareceu-se também que “algumas atividades tecnológicas mais limitadas são encontradas em países menos desenvolvidos, como os testes clínicos com metodologias desenvolvidas externamente ou o aprimoramento de conhecimentos relacionados à biodiversidade local” (Cunha, 2008: 3).

A indústria farmacêutica também é formada por uma quantidade significativa de empresas de menor porte, que atuam em nichos existentes no mercado farmacêutico, como a produção de medicamentos fora de patentes com marca comercial (produtos similares) ou de medicamentos genéricos, que concorrem com base em menores custos de produção e preços do produto final, bem como através da estrutura de distribuição. O relatório destacou a importância da função legisladora e reguladora do governo no caso dos medicamentos genéricos, os quais se constituem em uma oportunidade de inserção de empresas nacionais de países menos desenvolvidos (como o Brasil), que ainda não mantêm uma atuação produtiva relevante no plano internacional.

Outra importante característica da indústria farmacêutica também foi abordada: a concentração de sua estrutura de demanda. A América do Norte e a Europa concentram quase a totalidade das compras globais de produtos farmacêuticos. Contudo, tem havido aumento de participação relativa dos mercados emergentes em detrimento de mercados mais maduros, principalmente devido ao estímulo à produção e ao consumo de medicamentos genéricos. O mercado consumidor mundial tem apresentado grande dinamismo por conta do crescente interesse social pelos produtos farmacêuticos, decorrente das mudanças demográficas e das próprias características dos bens e serviços de saúde.

O primeiro relatório igualmente destacou a tendência de intensificação e de concentração em poucos países do comércio internacional de produtos farmacêuticos<sup>1</sup>, tanto de fármacos quanto de medicamentos, na década atual. Constatou-se que os países europeus tem se mantido como grandes exportadores de fármacos, seguidos pelos Estados Unidos e por alguns países asiáticos, como China, Cingapura e Japão, considerando que alguns deles concentram as matrizes das principais produtoras e exportadoras mundiais de fármacos (Cunha, 2008: 5). Os países europeus também têm se destacado como grandes exportadores de medicamentos, bem como os Estados Unidos<sup>2</sup>. A diferença se encontra no fato dos Estados Unidos manterem-se como grandes importadores líquidos de medicamentos, considerando suas importações sistematicamente superiores. Os países asiáticos não possuem papel de destaque nas exportações mundiais de medicamentos, ao contrário do que ocorre nas transações internacionais das matérias-primas farmacêuticas. O relatório esclareceu que a participação do Brasil no comércio internacional de produtos farmacêuticos tem se mantido muito reduzida (0,5% em fármacos e 0,2% em medicamentos no período 2000-2006 – Cunha, 2008: 7), contrastando com o maior peso de outros países emergentes como China e Índia.

### **3. Indústria farmacêutica brasileira: concentração, desempenho recente e análise da conjuntura**

#### **3.1 Concentração**

Uma das características da indústria farmacêutica brasileira é a concentração de sua estrutura de oferta, controlada por um conjunto limitado de empresas de grande porte, primordialmente de capital estrangeiro, que têm desempenhado um papel de liderança no nível de classes terapêuticas específicas, mantendo parcela significativa do mercado. Isto significa a reprodução interna de características de concentração presentes na indústria mundial. Entretanto, observa-se a convivência das grandes empresas com um significativo grupo de organizações de menor porte, muitas delas de capital privado nacional, que têm se dedicado principalmente à produção de medicamentos genéricos, tornando-se responsáveis por grande parte do volume vendido de genéricos no mercado interno. Além disso, existem os laboratórios públicos<sup>3</sup> e pequenas empresas de base tecnológica, oriundas de iniciativas acadêmicas, porém com limitada capacidade competitiva. Cabe lembrar que a

---

<sup>1</sup> A análise de dados de comércio internacional de produtos farmacêuticos realizada no primeiro relatório de acompanhamento setorial se apoiou nas informações da base Comtrade para o período 2000-2006. Os dados de países relevantes no comércio internacional ainda não se encontravam disponíveis para 2007 no momento de conclusão do relatório citado. Foram utilizados os códigos do capítulo 29 da NCM – 29.22.30 a 29.42.00 –, que incluem os fármacos e seus intermediários, e do capítulo 30 da NCM, que incluem os medicamentos – 30.01 (extratos de glândulas ou de outros órgãos ou das suas secreções; e outras substâncias humanas ou animais preparadas para fins terapêuticos ou profiláticos); 30.03 (medicamentos não apresentados em doses nem acondicionados para venda a retalho) e 30.04 (medicamentos apresentados em doses ou acondicionados para venda a retalho, ou seja, medicamentos considerados “prontos”).

<sup>2</sup> No comércio mundial de medicamentos, também existe uma concentração no nível de produtos comercializados, os chamados *blockbusters*, o que coloca a necessidade das empresas buscarem uma atuação relevante em segmentos específicos do mercado farmacêutico para conseguirem atingir o sucesso competitivo internacional

<sup>3</sup> Os laboratórios públicos “desempenham um papel destacado na Política Nacional de Saúde, seja na produção de medicamentos para o SUS, no suporte à regulação ou no processo de capacitação tecnológica”. Eles “respondem, aproximadamente, por 80% do volume das compras de medicamentos do Ministério da Saúde (MS) e por 30% do valor das aquisições destinadas aos programas de assistência farmacêutica, que, envolveu, em 2007, um gasto total superior a R\$ 5 bilhões” (Gadelha et al., 2008: 44).

estrutura brasileira de produção e de comercialização de produtos farmacêuticos se encontra voltada para medicamentos, sem um desenvolvimento expressivo na área de insumos farmacêuticos (fármacos).

As empresas brasileiras de capital nacional têm sido protagonistas de um processo recente de consolidação da estrutura de oferta doméstica, liderando ou sendo alvo de aquisições de empresas. No primeiro relatório, destacou-se que “instituições de financiamento, como o BNDES, têm declarado seu interesse e seu apoio ao movimento de concentração da indústria farmacêutica brasileira, principalmente visando o aumento do tamanho dos principais laboratórios nacionais, considerando o reduzido porte médio das maiores farmacêuticas nacionais comparadas às grandes empresas estrangeiras” (Cunha, 2008: 13). Porém, a enorme distância, em termos de escala de produção e de comercialização, entre os laboratórios nacionais e estrangeiros, também foi destacada no relatório como fonte de preocupação tanto do setor privado quanto do governo brasileiro, tornando os laboratórios nacionais alvos preferenciais de movimentos de aquisição por parte de grandes laboratórios estrangeiros. Em outras palavras, o movimento de concentração da indústria farmacêutica brasileira corre o risco de ser liderado pelos principais grupos estrangeiros, relegando os laboratórios nacionais a uma participação menor no dinâmico mercado farmacêutico nacional e internacional.

Em abril de 2009, o anúncio da aquisição da Medley, a maior fabricante brasileira de medicamentos genéricos, pela empresa francesa Sanofi-Aventis, um dos maiores laboratórios farmacêuticos europeus, tornou-se um emblemático passo em direção a uma maior concentração da indústria farmacêutica brasileira nas mãos de grandes grupos estrangeiros. O laboratório francês pode vir a controlar uma parte significativa do mercado brasileiro de medicamentos genéricos, aquele de maior crescimento no Brasil, se a aquisição for aprovada pelos órgãos de defesa da concorrência brasileiros<sup>4</sup>. Outros grandes laboratórios estrangeiros têm declarado abertamente o interesse em expandir sua participação no mercado brasileiro, inclusive através de aquisição de empresas nacionais dos mais variados portes. Um dos executivos da Roche (Suíça) declarou: “o Brasil está no nosso radar” (Valor Econômico, 5/02/2009).

Portanto, a possível concretização da transferência de controle da fabricante de genéricos de capital nacional (Medley) a um grupo estrangeiro e o revelado interesse de grandes laboratórios mundiais no mercado e nas empresas locais certamente deixam transparecer as dificuldades que se colocam para o governo prosseguir com seu plano de formação de uma forte farmacêutica brasileira de capital nacional.

### **3.2 Produção**

A observação da evolução da produção física da indústria farmacêutica brasileira contribui para a análise de seu desempenho recente e, especificamente, dos possíveis reflexos da crise mundial sobre seu comportamento conjuntural.

O primeiro relatório de acompanhamento setorial analisou os dados trimestrais de produção da indústria farmacêutica para 2007 e o primeiro semestre de 2008, com

---

<sup>4</sup> Alguns detalhes sobre o anúncio da aquisição da Medley pela Sanofi-Aventis se encontram no Box 1 em Anexo, juntamente com a descrição das principais transações realizadas na indústria farmacêutica mundial em 2009.

base na Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF/IBGE). Mostrou-se o contraste entre o reduzido crescimento da produção farmacêutica (1,9%) e o aumento da produção da indústria de transformação (6,0%) em 2007 (Cunha, 2008: 22). No mesmo relatório, observou-se a elevação da produção no acumulado de 12 meses terminados em março (2,1%) e em junho (3,9%) de 2008. Todavia, esclareceu-se que as taxas de crescimento da produção farmacêutica continuavam inferiores às apresentadas pela indústria de transformação nos mesmos períodos (6,7%) (Tabela 1 e Gráfico 1).

**Tabela 1 – Indústria de Transformação e Indústria Farmacêutica: variação da produção física (I/2008-I/2009)**

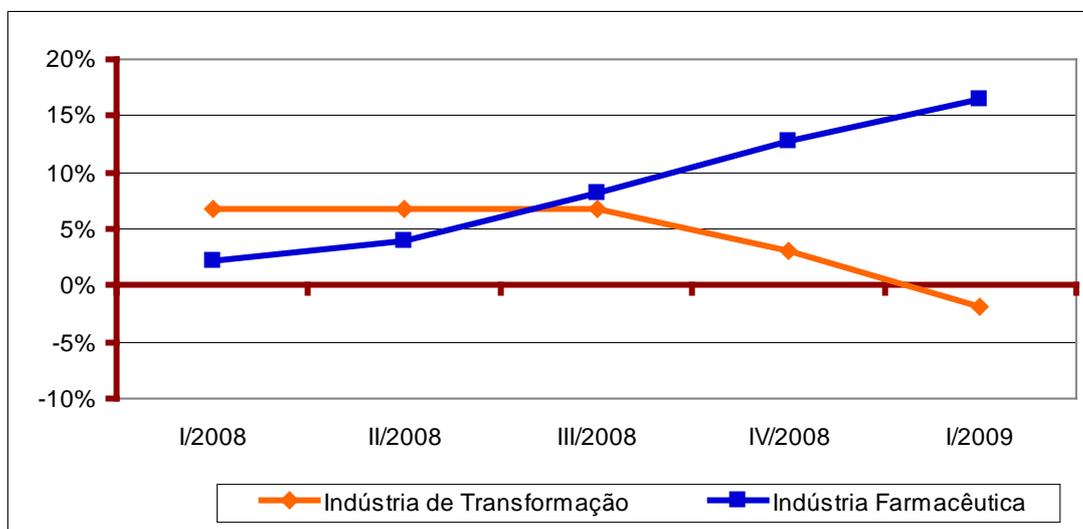
Atividades	I	II	III	IV	I
	2008	2008	2008	2008	2009
<b>Taxa acumulada nos últimos 4 trimestres</b>					
Indústria de Transformação	6,7	6,7	6,8	3,1	-1,9
Indústria Farmacêutica	2,1	3,9	8,1	12,7	16,5
<b>Taxa trimestral em relação ao mesmo trimestre do ano anterior</b>					
Indústria de Transformação	6,4	6,2	6,6	-6,3	-15,8
Indústria Farmacêutica	-4,4	12,3	20,9	18,5	13,7

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da PIM-PF/IBGE.

Considerando a variação da produção farmacêutica nos dois primeiros trimestres de 2008 com relação aos mesmos períodos do ano anterior, o relatório comentou tanto a perda de dinamismo no primeiro trimestre (-4,4%), que diferiu do comportamento positivo observado na indústria de transformação (6,4%), quanto a expressiva recuperação da produção farmacêutica no segundo trimestre (12,3%), superando por ampla margem, e pela primeira vez na série trimestral analisada, o comportamento bastante positivo da indústria de transformação (6,2%) (Tabela 1). Desta forma, o relatório destacou a recuperação da produção farmacêutica a partir do segundo trimestre de 2008. Isto significou a reversão de seu fraco desempenho apresentado em períodos anteriores.

O crescimento acumulado em 12 meses terminados em setembro de 2008 (8,1%) continuou mostrando o vigor da produção farmacêutica, que passa a superar o comportamento da produção da indústria de transformação no mesmo período (6,8%) (Tabela 1 e Gráfico 1). Observando a variação da produção no terceiro trimestre de 2008 em relação ao mesmo período do ano anterior, torna-se evidente o expressivo crescimento da produção farmacêutica (20,9%) (Tabela 1). Desta forma, seu comportamento virtuoso já podia ser claramente observado no período anterior à eclosão da crise mundial, destacando-se em meio ao então cenário de crescimento da produção da indústria de transformação brasileira.

**Gráfico 1 – Indústria de Transformação e Indústria Farmacêutica:  
variação da produção física  
(taxa acumulada nos últimos quatro trimestres)  
(I/2008-I/2009)**

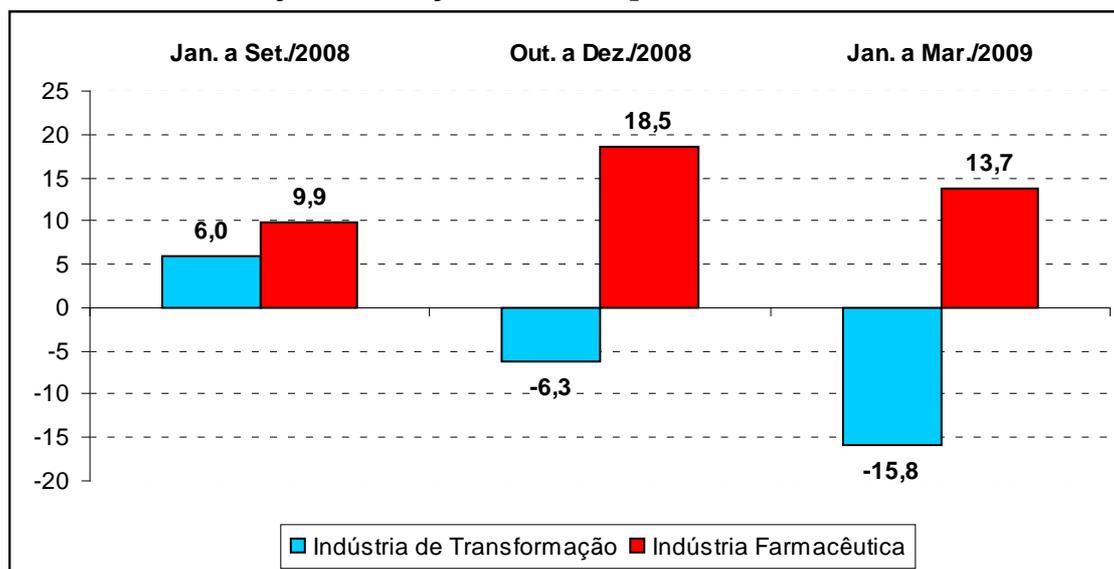


Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da PIM-PF/IBGE.

O comportamento ascendente da produção física farmacêutica se manteve no acumulado do ano de 2008 (12,7%), o que certamente contrastou com o reduzido crescimento apresentado pela indústria de transformação (3,1%) no ano passado (Tabela 1 e Gráfico 1). Mesmo no último trimestre de 2008, quando se tornaram evidentes os efeitos adversos da crise mundial sobre a produção da indústria de transformação brasileira (-6,3%), o setor farmacêutico sustentou a tendência de crescimento com relação ao último trimestre do ano anterior (18,5%) (Gráfico 2). Pode-se afirmar que o contraste entre o comportamento da produção farmacêutica e a produção da indústria de transformação brasileira aparece de forma inequívoca nos dados do último trimestre de 2008. Em outras palavras, as dificuldades da produção industrial, que começaram a criar corpo no final do ano passado, seguindo a eclosão da crise mundial, não transpareceram nos dados de produção da indústria farmacêutica brasileira.

Segundo a Associação Brasileira das Indústrias de Medicamentos Genéricos (Pró-Genéricos), o segmento de medicamentos genéricos certamente contribuiu para o desempenho positivo da produção farmacêutica brasileira no ano passado. Em 2008, as fabricantes de genéricos comercializaram 277,1 milhões de unidades no varejo ante 233 milhões um ano antes. Elas movimentaram US\$ 2 bilhões em 2008, com alta de 33% sobre 2007. Este crescimento foi superior ao do mercado de medicamentos como um todo, que apresentou elevação de 7,9% em produtos vendidos e 20,5% em valores arrecadados. Este desempenho do segmento provavelmente indica migração de consumidores de produtos de marca para genéricos (Folha de São Paulo, 12/02/2009).

**Gráfico 2 – Indústria de Transformação e Indústria Farmacêutica:  
variação da produção física  
(taxa de variação em relação ao mesmo período do ano anterior) (%)**



Nota: Dados com ajuste sazonal, fornecidos por setores industriais pelo IBGE.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da PIM-PF/IBGE.

A variação acumulada nos quatro trimestres terminados em março de 2009 mostra a persistência da elevação da produção física do setor farmacêutico no início do ano corrente (16,5%), em meio a um ambiente de contração da produção da indústria de transformação (-1,9%) (Tabela 1 e Gráfico 1). A manutenção do crescimento da produção farmacêutica no primeiro trimestre de 2009 com relação ao mesmo período de 2008 (13,7%) certamente contrasta com o aprofundamento da crise da produção da indústria de transformação no mesmo período (-15,8%) (Gráfico 2). Novamente, a produção do setor farmacêutico se diferenciou de maneira bastante evidente do desempenho negativo da produção da indústria de transformação brasileira no início do ano corrente, mostrando que a crise mundial não teve reflexos negativos sobre a produção farmacêutica como observado em outros setores industriais brasileiros. Isto decorreu provavelmente da manutenção do estímulo dado pelo mercado interno, principal destino da fabricação brasileira de produtos farmacêuticos<sup>5</sup>, com importante contribuição do fortalecimento da demanda por medicamentos genéricos.

Um representante da Federação Brasileira da Indústria Farmacêutica (Febrifar) afirmou que o crescimento da indústria farmacêutica no primeiro trimestre do ano corrente esteve relacionado, por um lado, à reposição de estoques de medicamentos por parte dos atacadistas que vendem para as farmácias, considerando que mantinham estoques reduzidos no final do ano passado quando não havia capital de giro e, por outro lado, à aceleração de encomendas a partir de janeiro por causa da perspectiva de aumento controlado de preços determinado no final de março de 2009 (Farid, Agência Estado, 14/05/2009).

<sup>5</sup> Dados da Associação Brasileira da Indústria Farmoquímica (ABIQUIF) mostram que a média de participação das exportações sobre a produção interna de farmoquímicos, por exemplo, foi de 44% no período 2001-2006, revelando que o mercado brasileiro continua sendo o destino principal da produção doméstica (Cunha, 2008: 15).

### 3.3 Emprego

A análise da geração de emprego formal pela indústria farmacêutica brasileira também contribui para mapear seu desempenho recente e os efeitos da crise mundial sobre seu comportamento conjuntural, complementando as observações sobre evolução da produção física.

O primeiro relatório de acompanhamento setorial relacionou a tímida criação de emprego formal pela indústria farmacêutica ao fraco crescimento da produção no ano de 2007. Utilizando dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED/MTE), observou-se a criação de 2.100 vagas no ano citado, com destaque para o segmento de medicamentos (Cunha, 2008: 24). O relatório ressaltou que, apesar do movimento altista em termos de emprego formal, a participação do setor farmacêutico na criação de vagas pela indústria brasileira (387 mil vagas) havia sido muito pequena em 2007 (0,5%). Além disso, o relatório apontou uma característica da indústria farmacêutica brasileira: “o potencial de geração de emprego mais qualificado, acompanhado da manutenção de elevados níveis relativos de massa salarial e de remuneração média do trabalho, especialmente decorrente dos graus mais altos de escolaridade da força de trabalho empregada” (Cunha, 2008: 16).

De janeiro a setembro de 2008 (período anterior à eclosão da crise), o setor farmacêutico brasileiro criou mais de 5 mil vagas, especialmente no segmento de medicamentos, o que representou o dobro do número de vagas criadas no mesmo período do ano anterior (Tabela 2). O setor conseguiu elevar sua participação na criação de vagas pela indústria (514 mil) no período analisado (para 1%). Pode-se afirmar que o crescimento acumulado da produção farmacêutica nos primeiros trimestres de 2008 foi efetivamente acompanhado por aumento de emprego formal.

**Tabela 2 – Indústria Brasileira e Indústria Farmacêutica:  
evolução da criação de emprego formal<sup>(1)</sup>**

Número de vagas	Jan. a Set. 2008	Out. a Dez. 2008	Jan. a Mar. 2009
<b>Total da Indústria</b>	514.551	(348.295)	(146.761)
Fármacos <sup>(2)</sup>	297	11	33
Medicamentos <sup>(3)</sup>	4.962	(1.529)	664
<b>Total da Indústria Farmacêutica</b>	5.259	(1.518)	697

(1) A nova classificação CNAE (2.0) a 4 dígitos foi utilizada para a coleta de dados de admissão e desligamento; (2) Dados referentes ao código CNAE 21.1: fabricação de produtos farmoquímicos; (3) Dados referentes ao código CNAE 21.21 (fabricação de medicamentos para uso humano); 21.22 e 21.23 (fabricação de medicamentos para uso veterinário e de preparações farmacêuticas).

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados do CAGED/MTE.

No último trimestre de 2008, período imediatamente posterior à eclosão da crise mundial, houve perda de vagas no setor farmacêutico (1,5 mil vagas), principalmente no segmento de medicamentos, apesar do aumento de sua produção. Isto representou uma reversão localizada da trajetória positiva anterior. Contudo, houve perda de apenas 1,6% do estoque de empregados formais existente em setembro de 2008, certamente inferior à queda de 4,8% sofrida pelo estoque de emprego formal da indústria brasileira no mesmo período, segundo dados do Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS/MTE). O resultado final foi positivo para o setor farmacêutico no ano passado, com a criação de 3,7 mil vagas, que pode ser considerado um número relativamente elevado na comparação com o ano anterior.

Observando dados do primeiro trimestre de 2009, pode-se afirmar que o setor farmacêutico retomou a criação trimestral de vagas, mas de forma extremamente

tímida – somente 697 vagas ou aproximadamente 25% do que havia sido criado no primeiro trimestre de 2008. Apesar desta recuperação do emprego formal ter sido pequena, significou uma volta ao comportamento trimestral positivo verificado no período anterior à eclosão da crise. Isto significa que o emprego formal na indústria farmacêutica brasileira sofreu um revés localizado no final do ano passado, mas parece apresentar tendência de recuperação no início do ano corrente.

### 3.4 Comércio Exterior

A análise do comércio externo de produtos farmacêuticos foi realizada no primeiro relatório de acompanhamento setorial visando fornecer elementos para a compreensão do comportamento de suas exportações e importações e de seu reflexo sobre o desempenho da indústria farmacêutica brasileira.

O relatório destacou os persistentes déficits comerciais anuais de fármacos e de medicamentos ao longo da década corrente. Esclareceu-se que o significativo valor das importações, principalmente de fármacos, tem sido responsável pela manutenção do elevado déficit comercial de produtos farmacêuticos. Mais especificamente, o comércio externo de fármacos têm sido responsável por aproximadamente 60% dos saldos comerciais negativos observados anualmente. O relatório procurou destacar também alguns fatores geralmente apontados como causadores dos elevados patamares das importações de produtos farmacêuticos: a herança da liberalização comercial dos anos 1990, a falta de incentivos para a produção local e a reestruturação global das grandes empresas (Cunha 2008: 19). Além disso, o documento apontou que a indústria farmacêutica brasileira se tornou grandemente dependente da importação de seus principais insumos, uma importante fonte de fragilidade<sup>6</sup>. Agregando-se a importação de produtos finais (medicamentos), compreendem-se os crescentes saldos negativos na balança comercial brasileira de produtos farmacêuticos.

O primeiro relatório também ressaltou uma das características do comércio externo brasileiro de produtos farmacêuticos: a concentração do destino das exportações e da origem das importações. Este é o caso das exportações brasileiras de medicamentos, direcionadas primordialmente aos mercados menos desenvolvidos latino-americanos. Este também é o caso das exportações de fármacos, com destaque para o mercado consumidor argentino, seguido pelo mercado norte-americano. Neste contexto, não se pode deixar de mencionar a importância da estratégia de transnacionais farmacêuticas, que utilizam o Brasil como plataforma de exportação de seus produtos para os países da região latino-americana. No que se refere à concentração das importações de produtos farmacêuticos, destacam-se aqueles de maior valor agregado provenientes dos países europeus, dos Estados Unidos e, mais recentemente, da China (no caso específico dos fármacos).

Uma análise mais detalhada dos reflexos da crise mundial sobre a indústria farmacêutica brasileira requer a observação de dados mais recentes de comércio externo, além da comparação do desempenho das exportações e das importações de

---

<sup>6</sup> “Dados da Associação Brasileira da Indústria Farmoquímica (ABIQUIF) mostram que 82% dos insumos farmoquímicos utilizados na fabricação dos medicamentos brasileiros são importados, o que confirma a dependência das compras externas dos principais insumos farmacêuticos que certamente gera uma potencial pressão sobre os custos dos medicamentos” (Cunha, 2008: 20).

produtos farmacêuticos no período pré e pós-crise, como realizado para a produção física e o emprego formal.

No período de janeiro a setembro de 2008 (anterior à eclosão da crise), observou-se o caráter deficitário do comércio externo brasileiro de produtos farmacêuticos apontado anteriormente. As importações atingiram US\$ 5,6 bilhões enquanto as exportações alcançaram somente US\$ 1,3 bilhões, acarretando um saldo negativo de US\$ 4,3 bilhões – 65% explicado por transações comerciais dos insumos farmacêuticos (Tabela 3). O significativo valor das importações de fármacos foi claramente o principal responsável pelo elevado déficit comercial brasileiro em produtos farmacêuticos no período analisado.

**Tabela 3 – Comércio Externo Brasileiro de Produtos Farmacêuticos  
(taxa de variação com relação ao mesmo período do ano anterior – %)**

	Jan a Set. 2008		Out. a Dez. 2008		Jan. a Mar. 2009	
	(US\$ milhões)	(%)	(US\$ milhões)	(%)	(US\$ milhões)	(%)
<b>Exportação</b>						
Fármacos <sup>(1)</sup>	746,7	22,1	240,8	1,1	222,7	(9,3)
Medicamentos <sup>(2)</sup>	507,8	30,5	171,7	22,5	178,1	23,0
Total	1.254,5	25,4	412,5	9,0	400,9	2,7
<b>Importação</b>						
Fármacos <sup>(1)</sup>	3.582,5	36,1	1.454,4	33,0	982,6	3,8
Medicamentos <sup>(2)</sup>	2.062,8	17,9	706,6	10,6	622,9	4,2
Total	5.645,3	28,8	2.161,0	24,8	1.605,6	4,0
<b>Saldo comercial</b>						
Fármacos <sup>(1)</sup>	(2.835,8)	40,3	(1.213,6)	41,9	(759,9)	8,4
Medicamentos <sup>(2)</sup>	(1.554,9)	14,3	(534,9)	7,3	(444,8)	(1,8)
Total	(4.390,8)	29,9	(1.748,5)	29,2	(1.204,7)	4,4

(1) Dados referentes aos códigos 29.22.30 a 29.42.00; (2) Dados referentes ao código NCM 30.01; 30.03 e 30.04.  
Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da SECEX.

Houve ampliação do déficit comercial de produtos farmacêuticos na comparação do período de janeiro a setembro de 2008 com o mesmo período de 2007 (Tabela 3). As exportações de medicamentos e de fármacos aumentaram significativamente no período analisado, levando ao crescimento agregado do valor exportado de produtos farmacêuticos (25,4%). Contudo, as importações de fármacos apresentaram crescimento superior (36,1%) ao das exportações (22,1%) no mesmo período ampliando o déficit comercial em fármacos (40,3%), tradicionalmente responsável pelas dificuldades do comércio externo brasileiro de produtos farmacêuticos. Além disso, ampliou-se também o déficit comercial em medicamentos (14,3%), liderado pelos elevados valores de suas importações, mesmo considerando que o aumento de suas exportações (30,5%) foi superior ao de suas importações (17,9%) no período analisado. Em outras palavras, constatou-se um movimento de aprofundamento do déficit comercial brasileiro de produtos farmacêuticos antes da eclosão da crise mundial.

A comparação dos dados do último trimestre de 2008 (período imediatamente posterior à eclosão da crise) com aqueles do mesmo trimestre de 2007 permite observar novamente o incremento das exportações de ambos os produtos analisados, acarretando uma elevação de 9,0% no valor total exportado de produtos farmacêuticos (Tabela 3). No entanto, o incremento das exportações de fármacos foi extremamente

tímido (somente 1,1%) no período citado. Ademais, houve considerável elevação de suas importações (33,3%), o que levou a uma expressiva ampliação do déficit comercial de fármacos (41,9%). Mesmo em medicamentos, notou-se a ampliação do saldo comercial negativo no final do ano passado (7,3%), apesar do incremento de suas exportações novamente ter superado o de suas importações. Portanto, não surpreende, mais uma vez, o aprofundamento do déficit comercial brasileiro em produtos farmacêuticos no último trimestre de 2008 (29,2%).

Cotejando os dados de comércio externo do primeiro trimestre de 2009 com aqueles do mesmo período de 2008, pode-se notar algumas diferenças no comportamento tanto das exportações e importações de fármacos quanto das importações de medicamentos. Por um lado, houve redução das vendas externas brasileiras dos insumos farmacêuticos (-9,3%), revelando uma reversão da trajetória ascendente anterior. A tímida elevação das exportações totais de produtos farmacêuticos (2,7%) foi, portanto, liderada pelo aumento das vendas externas de medicamentos (23%). Por outro lado, houve desaceleração do crescimento das compras externas de produtos farmacêuticos, que atingiu um patamar positivo (4%), mas inferior ao observado em períodos anteriores. Isto pode ser explicado pela perda de dinamismo da demanda externa e das transações comerciais internacionais em período posterior à eclosão da crise mundial, que parecem ter prejudicado as exportações brasileiras de fármacos, bem como pelos efeitos negativos da crise sobre a economia doméstica, que contribuíram para reduzir o ritmo das importações de produtos farmacêuticos em geral.

Desta forma, a tendência de ampliação do déficit comercial em produtos farmacêuticos certamente perdeu fôlego no primeiro trimestre do ano corrente. Mesmo assim, o comportamento recente dos valores negociados comprova a persistência do caráter deficitário do comércio externo brasileiro de produtos farmacêuticos. Portanto, a eclosão da crise mundial não parece ter alterado de forma significativa a posição deficitária observada, apesar de seus efeitos sobre a desaceleração das exportações e importações.

#### **4. Considerações finais**

A análise dos dados recentes de produção, do emprego formal e do comércio externo de produtos farmacêuticos permite algumas considerações finais.

O desempenho virtuoso da produção física do setor farmacêutico brasileiro se diferenciou de maneira bastante significativa do movimento descendente da produção industrial brasileira no período posterior à eclosão da crise mundial. Isto mostra que a produção farmacêutica conseguiu se resguardar dos reflexos negativos da crise que atingiram mais intensamente outros setores industriais brasileiros. Para isso foi fundamental a manutenção do estímulo proveniente do mercado interno, marcado por um importante avanço da demanda de medicamentos genéricos. Cumpre lembrar que a trajetória ascendente da produção farmacêutica brasileira já podia ser observada no período anterior ao advento da crise mundial, quando começou a se destacar no então cenário de crescimento da produção industrial brasileira.

Por sua vez, o emprego formal na indústria farmacêutica, que vinha apresentando um comportamento positivo antes da eclosão da crise mundial, acabou sofrendo um revés localizado no último trimestre do ano passado. Contudo, a ligeira recuperação no primeiro trimestre do ano corrente indica que a criação de emprego

pode voltar a ganhar fôlego na medida em que a demanda e a produção farmacêutica doméstica mantenham suas trajetórias de crescimento.

No que se refere ao comércio externo, persistiu a tendência de aprofundamento do déficit comercial brasileiro de produtos farmacêuticos antes e imediatamente após a eclosão da crise mundial, perdendo um pouco de seu ímpeto no primeiro trimestre de 2009. Houve desaceleração do crescimento das importações de produtos farmacêuticos, refletindo as dificuldades enfrentadas pela economia brasileira no período pós-crise. Contudo, houve também redução das exportações dos insumos farmacêuticos, respondendo à perda de dinamismo da demanda externa e das transações comerciais internacionais. O resultado líquido dos movimentos recentes das importações e das exportações foi uma reduzida expansão do saldo comercial negativo no início do ano corrente. Sendo assim, não parece ter sido alterada de maneira substancial a posição deficitária brasileira em produtos farmacêuticos no período posterior à eclosão da crise mundial.

Em outras palavras, perpetuam-se os déficits comerciais decorrentes dos elevados níveis das importações, principalmente de fármacos, e dos reduzidos patamares das exportações de produtos farmacêuticos em geral. Além disso, o destino das exportações segue concentrado em poucos países, com significativa participação dos latino-americanos, assim como a origem das importações, provenientes dos países europeus, Estados Unidos e China (recente destaque como origem dos insumos farmacêuticos importados pelo Brasil).

Portanto, confirma-se a necessidade, apontada no primeiro relatório setorial, de redução das importações e do déficit comercial em produtos farmacêuticos, especialmente em fármacos, considerando sua elevada participação nas compras externas brasileiras e sua utilização como principal insumo na produção de medicamentos, com grande poder de pressão sobre a estrutura de custos dos laboratórios farmacêuticos. Tornam-se importantes, igualmente, o crescimento e a diversificação do destino das vendas externas brasileiras de produtos farmacêuticos. No entanto, a perspectiva de continuidade da retração da demanda, basicamente no plano internacional, e a retomada do movimento de valorização cambial tendem a causar certa apreensão nos principais produtores e exportadores de produtos farmacêuticos brasileiros, que, ademais, precisam enfrentar os importantes desafios competitivos citados na introdução deste documento e mais detalhadamente analisados no primeiro relatório de acompanhamento setorial.

As políticas e programas públicos direcionados à saúde têm procurado estabelecer objetivos, metas e ações com vistas à superação das fragilidades competitivas da indústria farmacêutica brasileira. O primeiro relatório concluiu que a indústria farmacêutica “tem se mantido ao longo da década atual como uma prioridade na política de saúde e na política industrial e tecnológica brasileira, principalmente por conta de sua importância social e de seu elevado potencial de geração de conhecimentos e tecnologias estratégicas para a matriz industrial brasileira” (Cunha, 2008: 31). A Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior (PITCE, 2003) a considerou uma indústria estratégica por conta de sua elevada densidade e dinamismo tecnológico e produtivo. O Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Cadeia Produtiva Farmacêutica (Profarma/BNDES) tornou-se uma fonte de financiamento da área da saúde, privilegiando investimentos em inovação e em modernização da produção. “O Complexo Industrial da Saúde também se tornou uma das prioridades estratégicas do Programa de Aceleração do

Crescimento (PAC, 2007), que o destaca como uma das áreas de maior potencial para a utilização do poder de compra governamental para o estímulo às atividades de inovação”. Por sua vez, a Política de Desenvolvimento Produtivo (PDP, 2008) contempla a indústria farmacêutica no âmbito de seus “programas mobilizadores em áreas estratégicas”, listando metas, desafios e medidas de estímulo ao Complexo Industrial da Saúde (CIS).

Tendo em conta as mudanças recentes na economia mundial e brasileira, considera-se pertinente o reforço das políticas e dos programas públicos voltados para a saúde, naquilo que possam contribuir para a superação das fragilidades competitivas do setor farmacêutico brasileiro e para a criação de condições de aproveitamento das oportunidades abertas por uma futura recuperação da economia.

## ANEXO

### **Box 1 – Indústria Farmacêutica Mundial: descrição das principais aquisições, fusões e acordos de cooperação (2009)**

#### **Pfizer (EUA) e Wyeth (EUA)**

Em janeiro de 2009, a maior empresa farmacêutica mundial, a Pfizer (EUA), anunciou a aquisição de sua concorrente Wyeth (EUA) em um negócio de US\$ 68 bilhões (O Estado de São Paulo, 27/01/2009). A principal motivação da Pfizer, fabricante do medicamento de combate ao colesterol, Lipitor (o remédio mais vendido do mundo), e do famoso medicamento contra impotência sexual, Viagra (outro campeão de vendas), foi a perspectiva de perda da proteção das patentes e, conseqüentemente, da receita oriunda de alguns de seus principais produtos. Este é o caso do Lipitor, cujas vendas trazem quase US\$ 13 bilhões anuais para a empresa, que faturou US\$ 48,3 bilhões em 2008.

A aquisição da Wyeth deve contribuir para a Pfizer promover a diversificação de seus produtos, tornando-se menos dependente de drogas individuais, como o Lipitor, e estimulando o desenvolvimento de drogas provenientes dos avanços da biotecnologia, de vacinas e de outros produtos de consumo. “A Wyeth fabrica as vacinas mais vendidas do mundo, como a Prevnar, para meningite e pneumonia, e comercializa, junto com a Angem, o Enbrel, droga número um do mundo para artrite reumatóide”. As duas empresas controlarão conjuntamente 17 diferentes produtos, que atingem vendas individuais de US\$ 1 bilhão por ano. Os resultados esperados da aquisição são: a consolidação da Pfizer na liderança do setor farmacêutico mundial e sua transformação “de uma empresa puramente farmacêutica numa gigante do setor de cuidados com a saúde, operando com produtos diversificados”.

Com o anúncio da aquisição, a Pfizer relatou também a adoção de um conjunto de medidas para redução de custos, “incluindo o fechamento de cinco fábricas, que passarão de 46 para 41, e um corte de oito mil postos de trabalho – atualmente, a empresa tem 81,9 mil empregados”. As demissões começaram no primeiro trimestre e devem estar concluídas em 2011.

#### **Merck (EUA) e Schering-Plough (EUA)**

Em março de 2009, os laboratórios farmacêuticos Merck (EUA) e Schering-Plough (EUA) anunciaram sua fusão em uma transação avaliada em US\$ 41,1 bilhões (Folha Online, 09/03/2009 e Valor Econômico, 10/03/2009). A principal motivação da fusão, a exemplo de outros movimentos de concentração anunciados, foi a perspectiva de vencimentos de patentes, principalmente de medicamentos da Merck, e a necessidade de desenvolvimento de novos produtos substitutos a custos menores. A fusão das empresas aumenta a probabilidade de levar remédios em processo de desenvolvimento para o mercado, ao mesmo tempo diversificando a produção no sentido de produtos menos lucrativos, porém mais seguros, como medicamentos isentos de prescrição.

#### **Roche (Suíça) e Genentech (EUA)**

Em março de 2009, a Roche (Suíça) anunciou a aquisição do controle acionário da Genentech (EUA), considerada a maior e mais bem-sucedida empresa de biotecnologia do mundo, em um negócio avaliado em US\$ 46,8 bilhões (O Estado de São Paulo, 13/03/2009 e Valor Econômico, 13-15/03/2009). O grupo suíço era

acionista majoritário da empresa norte-americana desde 1990, detendo 56% de seu capital antes de completar a aquisição. O relacionamento entre as duas empresas era considerado “um dos melhores exemplos de colaboração entre uma gigante do ramo farmacêutico e uma empresa da área de biotecnologia”. A Roche fornecia capital e realizava o marketing dos produtos da Genentech fora dos Estados Unidos. Por sua vez, a Genentech desenvolvia ou ajudava a desenvolver medicamentos para tratamento do câncer, como o Avastin, o Herceptin e o Rituxan, que se tornaram sucessos de vendas da Roche.

A principal motivação do grupo suíço foi a perspectiva de garantir os direitos de comercialização dos novos produtos desenvolvidos pela empresa norte-americana, principalmente a partir de 2015, quando se encerraria um acordo de comercialização já existente entre as duas empresas. A Roche parece ter se esforçado para fechar o negócio antes do mês de abril de 2009, quando seriam divulgadas as informações sobre um teste clínico do Avastin para avaliar o efeito do medicamento no tratamento de câncer de cólon após cirurgia para remoção de tumores. Isto porque uma avaliação positiva do medicamento certamente significa a possibilidade de ampliação de seu mercado consumidor e, conseqüentemente, da receita de vendas do grupo.

#### **GlaxoSmithKline (Inglaterra) e a Pfizer (EUA)**

Em abril de 2009, a GlaxoSmithKline (Inglaterra) e a Pfizer (EUA) anunciaram a união de suas divisões de drogas anti-HIV para formar uma nova empresa (*joint venture*), num caso importante de cooperação entre empresas concorrentes (Valor Econômico, 17-19/04/2009). Inicialmente, a GSK manterá 85% da nova empresa e a Pfizer os 15% restantes. O acordo permite à Pfizer aumentar sua participação na nova empresa para até 30,5%, se conseguir levar ao mercado um número suficiente de drogas desenvolvidas. Estima-se que a nova empresa pode valer até US\$ 7,5 bilhões, controlando 19% do segmento do mercado de drogas anti-HIV. A principal motivação da união é a ampliação da atuação das empresas neste segmento do mercado, com redução de custos e de riscos de desenvolvimento de novos medicamentos, objetivando crescimento das vendas a longo prazo. Isto porque alguns dos produtos mais importantes das empresas envolvidas tendem a perder o fôlego de vendas em cenário futuro de expiração de patentes. A nova farmacêutica terá 11 produtos no mercado e 7 produtos em desenvolvimento.

#### **Sanofi-Aventis (França) e Medley (Brasil)**

Em abril de 2009, a Sanofi-Aventis (França) anunciou a aquisição da Medley (Brasil), líder brasileira na fabricação de medicamentos genéricos, com valor negociado de US\$ 1,5 bilhão (Valor Econômico, 13/04/2009 e 7/05/2009). Esta aquisição torna-se relevante, apesar do valor do negócio ter sido muito inferior ao das demais transações anteriormente citadas, porque envolve o esforço realizado por um dos maiores laboratórios europeus no sentido da ampliação de sua atuação em mercados emergentes, principalmente no dinâmico segmento de medicamentos genéricos com grande potencial de expansão das vendas.

A família controladora da empresa brasileira foi obrigada a buscar alternativas para a condução de seus negócios farmacêuticos no contexto de crise de liquidez dos últimos meses, com a escassez de linhas de financiamento para capital de giro e o encarecimento do crédito. A desvalorização do real a partir do último trimestre do ano passado também encareceu a compra de princípios ativos, a matéria-prima dos medicamentos, importada principalmente da China e da Índia, pressionando a

estrutura de custos da empresa e dificultando a manutenção de sua rentabilidade.

Para a empresa francesa, a aquisição significa o aumento de sua presença em mercados emergentes, sua recolocação na liderança do importante mercado farmacêutico brasileiro, e o reforço da diversificação de seus produtos no sentido de medicamentos genéricos, considerando a aproximação da perda de patentes de alguns de seus principais medicamentos. A linha de genéricos da empresa francesa tem menos de 20 produtos no Brasil, mas deve ser reforçada com mais de uma centena de medicamentos genéricos da empresa brasileira, além dos canais de distribuição no varejo. Estima-se que o laboratório francês passará a deter um terço do mercado brasileiro de genéricos, certamente o de maior crescimento no país.

O sistema de defesa da concorrência brasileiro deverá analisar a transação e se manifestar sobre a aquisição, de forma definitiva, nos próximos meses. Por enquanto, o conselheiro relator do processo no Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) decidiu tomar uma medida cautelar para preservar a reversibilidade do negócio. “Entre as imposições do CADE, está a proibição de demitir funcionários ou transferir empregados de uma empresa para outra. Também estão proibidas mudanças societárias, integração das estruturas administrativas das duas empresas, uso da mesma política comercial, entre outras restrições” (Folha de São Paulo, 05/06/2009).

## Referências bibliográficas

- Associação Brasileira da Indústria Farmoquímica (ABIQUIF) (2008). **Index ABIQUIF – 2008**. Mercosul: insumos farmacêuticos e seus produtores. 27<sup>a</sup> edição.
- Cunha, A. (coord.) (2008). **Relatório de Acompanhamento Setorial (Volume I): Farmacêutica**. Projeto: Boletim de Conjuntura Industrial, Acompanhamento Setorial e Panorama da Indústria. Convênio: ABDI e NEIT/IE/UNICAMP. Campinas/SP: Agosto de 2008.
- Cunha, A. (coord.) (2009). **Relatório de Acompanhamento Setorial (Volume II): Equipamentos Médicos, Hospitalares e Odontológicos**. Projeto: Boletim de Conjuntura Industrial, Acompanhamento Setorial e Panorama da Indústria. Convênio: ABDI e NEIT/IE/UNICAMP. Campinas/SP: Fevereiro de 2009.
- Farid, J. (2009). Indústria Farmacêutica cresce a dois dígitos em plena crise, diz IBGE. **Agência Estado**. 14 de maio de 2009.
- Folha de São Paulo (FSP), vários números.
- Gadelha, C. A. G. (coord.); Maldonado, J. e Vargas, M. (2008). **Uma Agenda de Competitividade para a Indústria Paulista: Indústria Farmacêutica**. Convênio: Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT)/Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo (SDE-SP)/UNESP/UNICAMP/USP. São Paulo/SP: fevereiro.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF)**.
- Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). **Secretaria de Comércio Exterior (SECEX)**. Estatísticas de Comércio Exterior. Vários anos.
- Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)**.
- Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). **Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS)**. Vários anos.
- Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). **Política de Desenvolvimento Produtivo: inovar e investir para sustentar o crescimento**. Maio de 2008.
- O Estado de São Paulo, vários números.
- Organização das Nações Unidas (ONU). **United Nations Commodity Trade Statistics Database (Comtrade)**.
- Valor Econômico, vários números.



UNICAMP



Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial